



## **INCLUSÃO DO ALUNO CADEIRANTE E SEUS DESAFIOS EM SALA DE AULA REGULAR<sup>1</sup>**

Maria Candida de Mattos

### **Resumo:**

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como se dá à inclusão de um aluno cadeirante em escola regular de ensino.

Busca através de questionário direto aos envolvidos, professor, aluno cadeirante e cuidador, perceber com está sendo vivenciada essa realidade, bem como sua relação com os colegas e como se faz os saberes pedagógicos com um aluno cadeirante.

Para dar suporte teórico, foi feito pesquisa em livros e sites da internet, sobre assuntos que envolvem as dificuldades dos sujeitos envolvidos.

Foi pesquisado ainda, sobre meios de acessibilidade, como rampa, elevador e plataforma elevatória, bem como suas medidas adequadas. Sobre o papel do professor e currículo, o embasamento teórico foi construído a partir de leitura de autores que tratam o assunto, como GUEBERT (2007) e outros autores e o portal do MEC e site oficial da prefeitura de Curitiba.

**Palavras-chave:** Inclusão. Cadeirante. Acessibilidade.

### **1 INTRODUÇÃO**

A inclusão social é um movimento de educação para todos, respeitando suas diferenças, no entanto parece ser mais falada que de fato vivenciada.

Participar dessa discussão de maneira ativa pode preencher lacunas. Questionar junto aos atores desse processo, como está na prática a questão

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade do Sul de Santa Catarina, sob orientação da professora Rosani Casanova Junckes., no segundo semestre de 2017.



da inclusão social do cadeirante na escola, bem como suas dificuldades é um passo importante nesse momento e deve contribuir para seu sucesso.

Situações reais onde crianças brincam, correm e cadeirantes ficam olhando sem participar levam a pensar na observação da professora Guebert (2007, p. 50), quando afirma que, "... há descompasso entre o que está instituído por lei, em relação às necessidades individuais, e o que de fato ocorre..."

No artigo 29, do DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999, que Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências, dispõe que:

"As escolas e instituições de educação profissional oferecerão se necessário, serviços de apoio especializado para atender às peculiaridades da pessoa portadora de deficiência, tais como:  
I - adaptação dos recursos instrucionais: material pedagógico, equipamento e currículo;  
II - capacitação dos recursos humanos: professores, instrutores e profissionais especializados; "

Este é um dos direitos em que o cadeirante possui e quase sempre não usufrui, porque na prática são atendidos por profissionais não preparados para auxiliá-los, e no momento do recreio, por exemplo, ficam à mercê dos colegas ou de profissionais sem a menor capacitação, sem conseguir participar das atividades recreativas que geralmente são brincadeiras de correr ou com bolas.

A inclusão garantida por lei e falada na mídia, ainda está longe de ser de fato, uma realidade. Oportunizar situações onde alunos cadeirantes possam participar de todas as situações na escola é ainda uma utopia.

Para Gomes (2007) os principais limitadores do aprendizado são questões de mobilidade, pouco se fala na parte pedagógica, bem como das dificuldades apresentadas no dia a dia nas salas de aula, assim como do trabalho do professor.

Alunos costumam ir até o quadro negro para responder algumas questões ou completar uma frase, no entanto, essa mesma tarefa também é dada ao cadeirante?



O cadeirante é escolhido como ajudante do dia, prática comum nas salas de aula dos anos iniciais? Até que ponto as dificuldades de mobilidade podem interferir na participação do estudante cadeirante na prática pedagógica na sala de aula?

O texto inclusão escolar para alunos com deficiência física diz que todos possuem “direitos e deveres iguais”, direito este, garantido no Artigo 205 da constituição Federal de 1988, que declara:

**“Art. 205.** A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.”

No entanto, a realidade de como é esse relacionamento dentro da sala de aula não é de todos conhecida, bem como se está sendo cumprida.

Já (Cidade e Freitas, 1997), exemplificam que “A grande polêmica está centrada na questão de como promover a inclusão na escola de forma responsável e competente.”, Sem se pautar na subjetividade, buscando perceber na prática, as dificuldades enfrentadas para se conseguir de fato o aprendizado.

Na pesquisa realizada por Gomes (2007, p.414) sobre as dificuldades enfrentadas pelo cuidador de um cadeirante, uma dessas dificuldades é o “despreparo desses educadores para lidar com essas crianças e desconhecimento de suas necessidades específicas”.

Neste contexto, o aluno cadeirante consegue mesmo se inserir na turma e ser parte dela, de igual pra igual, com direitos e deveres?

Em busca de respostas, foi realizada pesquisa pura, visando conhecer o comportamento do professor e do aluno cadeirante dentro da sala de aula, bem como a parte pedagógica, sua participação em todas as atividades, seus medos e anseios.

Foi feita entrevista direta com cuidador, educador e aluno cadeirante, para entender como se constrói o conhecimento, bem como suas limitações, dentro da sala.



Foi feito ainda pesquisa em artigos publicados, propondo uma discussão teórica a respeito do convívio dos alunos ditos normais versus alunos cadeirantes.

Busquei uma reflexão a cerca da inclusão real do aluno cadeirante, tanto nos saberes pedagógicos, quanto no relacionamento deste com seus colegas e educadores.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Trabalhar o tema inclusão social, com foco nas dificuldades do cadeirante dentro do ambiente escolar, buscando perceber suas dificuldades, que vão além da acessibilidade, já tão discutida e garantida por lei, embora nem sempre cumprida na totalidade.

Guebert (2007, p.75), sugere que “para garantir o processo inclusivo, necessitamos de três aspectos fundamentais: vontade e consciência política, profissionais qualificados e envolvimento da sociedade civil”.

Ainda sobre inclusão, Guebert (2007, p.39) ressalta que o sistema educacional “precisa preparar o aluno para a vida e que isso ocorre quando há condições adequadas que viabilizam a construção do conhecimento por todos”.

A impossibilidade de vivenciar o espaço da mesma forma que outro aluno, representa barreiras para as pessoas com necessidades educacionais especiais muito maiores que os obstáculos físicos, segundo Campos (2011).

Penso que nesse processo, a presença de um cuidador (pessoa responsável por acompanhar individualmente o educando portador de deficiências para a realização de suas tarefas diárias) é bastante necessária, pois é o cuidador que garantirá mobilidade ao aluno cadeirante, para que este consiga vivenciar de fato, todas as situações dentro e fora das salas de aula, bem como nos espaços para atividades físicas, por exemplo.

O Projeto de Lei 8014/10, do deputado Eduardo Barbosa (PSDB-MG), obriga as escolas regulares a oferecerem cuidadores específicos para alunos com deficiência, se for verificado que ele precisa de atendimento individualizado.

O relator da proposta na época, deputado Marco Feliciano (PSC-SP), complementa que “o cuidador é indispensável para alguns alunos com maior



grau de dependência e vai melhorar o rendimento desses alunos. "A oferta desse tipo de apoio resultará na maior participação do educando nas atividades escolares, uma vez que o cuidador estará pronto a auxiliá-lo no desempenho das atividades da vida diária que não consegue realizar sem ajuda".

A proposta que complementa o que já diz a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB-Lei 9.394/960) onde prevê a prestação de serviço de apoio quando necessário, foi aprovada pela Comissão de Educação em 20/03/2013 e o então relator deputado Alex Canziani (PTB-PR), enfatiza que "é absolutamente necessária a presença do cuidador, para viabilizar a mobilidade no ambiente escolar e o atendimento de necessidades especiais que não podem ser prestadas pelo professor.

No dia 03/03/2017 os primeiros 460 cuidadores contratados pela Prefeitura do município de Curitiba para atender individualmente estudantes em inclusão, concluíram o curso de formação específica para atuar na rede municipal, os cuidadores são em sua maioria acadêmicos dos cursos de pedagogia e psicologia.

Queremos pensar que a presença de um cuidador, tende a ser de extrema importância para garantir qualidade à inclusão, propiciando mobilidade e apoio pessoal ao aluno cadeirante, sem interferir nos saberes pedagógicos, dando a esse, oportunidade de crescimento, sem superproteção.

No artigo Dificuldades enfrentadas pelo cuidador na inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral, Araujo e Lima (2011), apontam que "Os cuidadores avaliaram o despreparo dos professores para receber a criança deficiente como sendo uma das principais dificuldades da inclusão", mesmo sabendo o quão diferentes são essas deficiências, o professor que recebe um aluno cadeirante também tende a ter bastante dificuldade no processo inclusivo, mesmo que suas limitações sejam somente físicas.

A literatura atual que trata da educação de pessoa deficiente tem enfatizado que é necessário se desvencilhar de muitas armadilhas para que a escola inclusiva deixe de ser mera proposição e passe a existir de verdade (Drago2005, p.261).



Conceber e praticar uma educação para todos pressupõe a prática de currículos abertos e flexíveis comprometidos com o atendimento às necessidades educacionais de todos os alunos, sejam elas especiais ou não. (SEED 2006, p. 50).

Guebert (2007, p.75), conclui sua pesquisa alertando sobre a necessidade de “envolver a criança no processo educativo e não apenas colocá-la no espaço escolar”.

O processo de inclusão “é um percurso longo a ser trilhado, e a mudança de atitude dos envolvidos no processo de inclusão é primordial para seu sucesso”. (Araujo, 2011 e Lima, 2011).

Percebo que autores pesquisados, incluindo Drago, Guebert, Araujo e Lima possuem um ponto em comum, todos enfatizam a necessidade de uma inclusão que favoreça a aprendizagem do aluno com necessidades especiais, sejam elas físicas ou intelectuais.

#### **4.1 Acessibilidades na escola inclusiva:**

Se assegurar a matrícula é apenas o primeiro passo para manter o deficiente na escola (portal do MEC), o segundo passo pode ser garantir sua acessibilidade.

Há leis específicas que tratam a questão do acesso e permanência da pessoa cadeirante, tanto em espaços públicos quanto privados.

A página deficiente online de empregos para deficientes tem uma série de recomendações quanto às normas para ambientes de uso de um cadeirante. Normas também aplicáveis às situações do espaço escolar.

Porta de acesso de no mínimo 0,80m de largura, maçanetas do tipo alavanca, altura da pia de 0,80m do piso e respeitando uma altura livre de 0,70 m. Área suficiente para manobras de cadeirantes, bem como disposição dos mobiliários de forma que garanta a livre e plena circulação.

A área de manobra do cadeirante, segundo a NBR 9050, deve respeitar os seguintes valores, para rotação de 90° deve ser 1,20 m x 1,20 m; e para rotação de 360° deve ter um diâmetro de 1,50 m.



Quanto ao piso da área de circulação, recomenda-se que devem ter superfície regular, firme, estável e antiderrapante sob qualquer condição.

Rampas é uma alternativa às escadas quando se quer vencer um desnível e ao mesmo tempo assegurar o acesso de quem tem dificuldades de locomoção.

Segundo Ruchaud (2011), quanto maior for a altura que se quer vencer, mais suave tem de ser a rampa para que portadores de necessidades especiais possam acessá-la.

No entanto, esta deve ser confortável e segura. Não ser simplesmente colocada ao lado ou sobre as escadas.

A NBR (Norma Brasileira Regulamentadora) 9050 tem normas específicas sobre construções de rampas, que devem obedecer a seguinte equação:

$$i = \frac{h \times 100}{c}$$

Onde:

i = é a inclinação, em porcentagem;

h = é a altura do desnível;

c = é o comprimento da projeção horizontal

Quando não se tem muito espaço para fazer uma rampa contínua, é possível trabalhar com segmentos, sempre colocando patamares entre eles. Para inclinação entre 6,25% e 8,33% devem ser previstas áreas de descanso a cada 50 m de percurso.

Importante ressaltar que os patamares situados em mudanças de direção devem ter dimensões iguais à largura da rampa.

Quando não houver paredes laterais as rampas devem incorporar guias de balizamento instaladas ou construídas nos limites da largura da rampa e na projeção do guarda-corpos.

Outra opção, usada quando não há espaço para rampas pode ser a construção de plataforma elevatória ou elevador para deficientes físicos,



aparelhos que garantem maior independência ao aluno, desde que construído dentro das normas de segurança exigidas por lei.

A ABNT tem regras específicas para a instalação e uso destes equipamentos.

A plataforma elevatória, segundo o fabricante pesquisado, afirma que as plataformas são construídas com tecnologia hidráulica que garante um deslocamento suave e preciso com baixo consumo de energia, uma vez que a bomba hidráulica de baixa potência consome energia apenas para subir, já a descida é realizada pela força da gravidade.

A plataforma padrão conta com guarda corpo de 1,10m de altura além de diversos itens de conforto e segurança.

O fabricante de elevadores para deficientes diz que seu produto é extremamente seguro, feito com materiais de qualidade e sistemas hidráulicos que apresentam diversas soluções para o dia a dia de quem necessita de cuidados diferenciados. Afirma ainda que trabalha em cada projeto de forma especial, analisando as necessidades encontradas e criando soluções criativas e usuais para resolvê-las.

A diferença entre Plataforma *Elevatória* e Elevador de Acessibilidade, explicada pelo Administrador da página da Orion Lift, em publicação de 11/05/2017, explica que:

1-Plataforma *Elevatória* – Pode alcançar até 4 metros de altura, porém se a plataforma percorrer uma elevação acima de 2 metros, esta deverá ser enclausurada.

2-Elevador de Acessibilidade – Pode alcançar até 12 metros de altura e possui exigências menos rigorosas de construção que os elevadores convencionais, pois nele existem limitações de percurso e velocidade.

Outro ambiente que merece destaque no processo inclusivo do cadeirante é a área sanitária.

Segundo o blog da equipe WPensar , a escola deve possuir , no mínimo 5% dos sanitários adaptados, com a garantia de pelo menos um sanitário feminino e um masculino.



Deve garantir ainda que, 10% dos demais sanitários restantes sejam adaptáveis, se for necessário.

Esse ambiente precisa ter portas grandes, altura do vaso e tampa adequados, e além de possuir barras de apoio para o vaso e lavatório.

Com o acesso oportunizado graças a rampas e ou outros instrumentos, o piso da instituição antiderrapante e obedecendo as normas exigidas pelos órgãos competentes, mobiliário adequado às necessidades do cadeirante, resta ainda a preocupação com a rota de fuga, no caso de ameaça real.

O aluno cadeirante, não consegue se locomover como um aluno não cadeirante, por isso alguns pontos precisam ser pensados antecipadamente.

Quando as rotas de fuga incorporarem escadas de emergência, devem ser previstas áreas de resgate com espaço reservado e demarcado para o posicionamento de pessoas em cadeiras de rodas, segundo a equipe da página acessibilidade na prática, publicado em 27 de novembro de 2012. A área deve ser ventilada e fora do fluxo principal de circulação.

A equipe ressalta ainda que “Todos devem receber orientações para saber que as rotas de fuga existem e como utilizá-las de maneira segura em casos de emergência.”

Se todos os ambientes estiverem aptos para sua movimentação, dentro do espaço escolar, sua inclusão consegue ser tranquila, e sua inserção ocorrerá naturalmente, porque a inclusão é uma possibilidade de aperfeiçoamento da educação para o benefício de todos, ou seja, em uma escola inclusiva, todos saem ganhando!.

#### **4.2 O papel do professor:**

A escola inclusiva passa essencialmente pelo professor. É dele o papel de introduzir o aluno nessa pela busca do conhecimento.

SACRISTÁN E GÓMES (1998, p.207), ressalta que o professor pode se acomodar aos marcos estabelecidos, ou explorar suas fissuras, ser reproduzidor de situações e instituições herdadas ou trabalhar para transformá-la.



Embora as agressões a professores seja assunto recorrente na mídia, busco pensar que são casos isolados, em regiões específicas. Na maior parte das escolas, a figura do professor é admirada e tida como exemplo a ser seguido.

No que se refere ao professor de educação especial, esse relacionamento costuma ser ainda mais exemplar, já que o professor busca dar ao aluno, além das disciplinas do currículo, também o carinho e atenção, em continuidade ao trabalho dos pais.

Souza (2010) afirma que "Os professores do ensino regular apontam como principais dificuldades e impasses gerados pelo atual modelo de inclusão: a eficácia da metodologia aplicada; a falta de recursos e de infraestrutura; as péssimas condições de trabalho; as jornadas de trabalhos excessivas; os limites da formação profissional; o número elevado de alunos por sala de aula; os prédios mal conservados; o despreparo para ensinar seus alunos."

Se já há dificuldade no trato com alunos sem deficiência, com os alunos deficientes, é ainda mais dificultoso fazer um bom trabalho.

No que refere ao aluno deficiente, Betim e Papi (2013), ressaltam que incluir não significa que o aluno deva se adaptar à escola, mas sim que o contexto escolar e o processo ensino aprendizagem devem ser adaptados para esse aluno, provocando mudanças que visem favorecer a construção do saber.

O aluno deficiente, matriculado em uma escola regular, enfrenta dificuldades que vão além das questões de acessibilidade. Precisa enfrentar o olhar das outras crianças, a inexperiência dos profissionais ligados à escola, e suas próprias limitações.

O papel do professor, além de promover o encontro entre aluno e a educação, deve inserir esse aluno na classe, buscando materiais pedagógicos adaptados, adaptando o aluno ao uso desses materiais e adequando a classe de forma harmônica, para que haja a total inclusão, não só no espaço da sala de aula, mas também na vida dessa nova comunidade que se forma a partir dos anos escolares.



Segundo Prieto (2006), o objetivo da inclusão escolar é tornar reconhecida e valorizada a diversidade como condição humana favorecedora de aprendizagem, papel este que passa prioritariamente pelas mãos do professor, que precisa adaptar materiais pedagógicos, inserir o aluno de forma natural na classe, e buscar a integração deste com a escola de modo a fazer que seu direito a educação seja vivenciado na plenitude.

Para Carvalho (1998pg. 35) Uma escola inclusiva não prepara para a vida. Ela é a própria vida que flui devendo possibilitar, do ponto de vista político, ético e estético, o desenvolvimento da sensibilidade e da capacidade crítica e construtiva dos alunos-cidadãos que nela estão, em qualquer das etapas do fluxo escolar ou das modalidades de atendimento educacional oferecidas.

Ao professor, é oportunizado ficar com a turma grande parte do dia. A ele é dada a possibilidade de criar métodos que façam funcionar a aprendizagem. Seu papel é criar uma nova nação, com pessoas respeitadas entre si, cientes de seus direitos e deveres, cuja finalidade é viver uma cidadania plena.

### **4.3 Currículo**

A escola pode oferecer todos os meios para a inclusão do aluno, o professor pode estar bem preparado, mas a educação só será possível se contar com um currículo adequado às dificuldades do aluno com deficiência.

O Currículo do Ensino Fundamental – Princípios e Fundamentos da Prefeitura de Curitiba, através de seu site oficial cidade do conhecimento (p. 32 a 34), dispõe sobre a inclusão que:

“O Ministério da Educação implementou em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, com vistas a assegurar o direito à aprendizagem de todos os educandos (as), garantindo a transversalidade da Educação Especial por meio do Atendimento Educacional Especializado e a acessibilidade desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.”



A instituição escolar apresenta dificuldade para atender satisfatoriamente as diferenças por se encontrar presa a tendências pedagógicas homogeneizadas, sem considerar a necessidade de cada um.

O site da Prefeitura é disponibilizado para consulta pública e norteia o trabalho do professor da educação infantil e ensino fundamental, em todo seu trabalho dentro da escola.

No item que se refere à educação inclusiva, o currículo busca proporcionar ações que oportunizem a aprendizagem e a construção de habilidades e potencialidades do aluno, uma vez que o processo de inclusão desafia para que seu potencial seja estimulado.

O documento inicia com a explicação que:

As políticas públicas, no contexto educacional atual, inserem o ambiente escolar em um cenário no qual o objetivo é assumir um sistema educacional para todos em toda sua amplitude, ou seja, igualdade de direitos na diversidade de condições necessárias para o desenvolvimento integral das crianças e educandos (as).

O documento orienta ainda como se dá o processo de identificação das necessidades de cada um e compõe os serviços e programas adequados a cada necessidade a partir da sala de recursos multifuncionais.

SEM- Sala de Recursos Multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o Atendimento Educacional Especializado (AEE), cuja função é complementar ou suplementar a formação do criança, com a disponibilização de recursos de acessibilidade e estratégias facilitadoras da aprendizagem.

Outras siglas que compõe os programas da Educação Especial do Município de Curitiba são:

SR- Sala de Recursos / Onde se realiza o atendimento aos alunos com dificuldade de aprendizagem e transtornos funcionais específicos.

PEH\_ Programa de Escolarização Hospitalar/ acompanhamento de estudantes que se encontram em tratamento de saúde em ambiente hospitalar ou casas de apoio.

SR/AH/SD - Sala de Recursos para Altas Habilidades / Superdotação onde é ofertado às crianças com altas habilidades / superdotação atividades



exploratórias e de desenvolvimento de projetos na área de interesse do aluno, visando valorizar seu potencial e habilidades, respeitando as características pedagógicas.

APD- Atendimento Pedagógico Domiciliar / suporte pedagógico ao(à) educando(a) que necessite de permanência por tempo determinado (igual ou superior a sessenta dias) em domicílio para tratamento de saúde.

SITES\_ Sistema Integrado de Transporte do Ensino Especial/ serviço de transporte às crianças com deficiência ou transtornos globais do desenvolvimento, para acesso às escolas municipais especiais, estaduais ou conveniadas, matriculadas no município de Curitiba.

No referido documento, não há orientações específicas para cadeirante.

A página os dicionários.com, define assim o termo cadeirante:

1-Deficiente físico que utiliza cadeira de rodas.

2-Pessoa que, estando impossibilitada de andar, se movimenta utilizando uma cadeira de rodas.

3-Pessoa que, por deficiência física, ou por estar provisoriamente impossibilitada de andar, locomove-se em cadeira de rodas.

Muitas vezes, a criança se torna cadeirante a partir de um evento de acidentes que afeta sua mobilidade inferior, sem prejuízo dos demais membros.

O fato de usar uma cadeira de rodas, não o impossibilita de freqüentar uma aula normal, se sua limitação for somente física e for ofertado meio de acesso adequado.

O cadeirante, que possui outras limitações, se encaixa nos demais serviços de apoio ao deficiente físico.

Ao tratar do currículo na escola inclusiva, Silva e Moreira, dizem que “A escola inclusiva precisa ter claro o reconhecimento de que cada estudante tem um potencial, ritmo de trabalho diferenciado, expectativas, estilos de aprendizagens, motivações e valores culturais, ou seja, reconhecê-los como diferentes”.



Para SACRISTÁN E GÓMES (1998,p.199) o ensino tem uma intencionalidade, persegue certos ideais e costuma ser praticado apoiando-se em conhecimentos sobre como funciona a realidade na qual intervém.

Construir um currículo que possa abranger as potencialidades do aluno deficiente, sem cair no otimismo ingênuo do “tudo é possível”, mas focado na busca do seu conhecimento e sua integração natural à sala de aula.

### **3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Para pesquisa do comportamento das pessoas envolvidas na educação do aluno cadeirante dentro do ambiente escolar, foi usado uma série de entrevistas.

Todos os procedimentos, incluindo a observação extraclasse e conversa informal com aluno e cuidador, foram realizados dentro do espaço escolar, mas precisamente na sala do setor pedagógico e corredor da escola, entre os dias 01/09 a 06/09/2017, sempre no período vespertino.

O aluno, menino de 10 anos, matriculado na 3ª série, foi sucinto nas repostas, disse que se sente acolhido na escola, todos o tratam bem. Sua maior dificuldade quanto à metodologia é em relação às provas, por conter muitas questões. Faz somente prova oral, com a ajuda do cuidador.

Sobre outras dificuldades, além da locomoção, respondeu que não tem nenhuma dificuldade porque o cuidador ajuda.

Sua sugestão para melhorar sua permanência na escola foi letras grandes nas atividades e rampas nas calçadas.

Vem pra escola com a mãe de ônibus de linha, e volta pra casa com a mãe ou o pai, a pé. Nesse caso, a maior barreira são as calçadas não preparadas para cadeira de rodas.

Ele tem paralisia cerebral, boa mobilidade no lado esquerdo e pouca no lado direito superior. Na parte inferior, não tem nenhuma mobilidade. Também sofre de hipoglicemia. Faz acompanhamento médico e fisioterapia, pelo SUS.

A professora, sobre incluir o aluno na turma, respondeu que o mais difícil foram as questões de acessibilidade e adaptação curricular, sua maior dificuldade é garantir material ampliado, atender o estudante e o restante da



turma. Ressaltou que já se sentiu desconfortável quanto à aplicação de atividades, devido à falta de experiência, o que fez com que tivesse várias situações desconfortáveis até conhecer o estudante e suas potencialidades e dificuldades.

Em relação à turma, atender todos os estudantes, respeitando suas individualidades é sua maior dificuldade.

Quanto à presença do cuidador, afirmou que ajuda bastante. Mas é muito importante que ambos consigam fazer um bom vínculo.

Ela, que é professora há quinze anos, respondeu que para se ter uma inclusão satisfatória é necessário uma estrutura física melhorada, pessoal de apoio, capacitação de professores e suporte didático.

O cuidador fez textos longos em suas respostas.

Quanto ao seu papel no cuidado com o aluno cadeirante, respondeu que é responsável por movimentá-lo durante toda sua estadia na escola, assim como auxiliar na abertura da mochila e dos cadernos e livros, realizar a escrita por ele, auxiliar nas necessidades básicas e fisiológicas.

Na parte pedagógica, o cuidador auxilia adaptando material juntamente com a professora e os aplica em sala de aula. Aplica avaliação e acompanha no desenvolvimento da aprendizagem e atividades diárias.

Ao perguntar se a turma cria situações onde todos participam, a resposta foi positiva, porém essas ações ocorrem mais nitidamente nas atividades de educação física e oralmente em sala.

Dificilmente ocorrem atividades em dupla ou grupo.

Sobre bullying ou preconceito, o educador disse não ter percebido nenhuma atitude, apenas olhares de outros alunos estranhando e perguntando sobre a condição do cadeirante. É o próprio aluno que explica de forma bem natural.

Alguns são mais receptivos que outros.

Perguntado sobre melhorias no tratamento com o aluno, a resposta foi que sim, percebeu melhorias na autonomia, em algumas atividades de alimentação, mobilidade e confiança ao se comunicar.



Nas atividades educacionais, percebeu melhora nas matérias de Língua Portuguesa e operações em Matemática.

Cuidador há seis meses, sua maior dificuldade é a falta de autonomia, falta de interesse em respeitar o tempo do aluno, sua relação com a professora, demandas e pressão da família que influenciam nas relações.

Embora tivesse a promessa de observar uma aula em sala, esse encontro não foi oportunizado. Houve sempre um dificultador.

Em observação extraclasse, hora do recreio e parte de uma aula de educação física, também entre os dias 01/09 a 06/09/2017, sempre no período vespertino, percebeu-se que o aluno cadeirante não participa das atividades.

No intervalo para o recreio, fica próximo a um dos bancos no espaço interno da escola ou, em dias de sol e calor, fica na sombra de uma árvore no pátio externo, sempre com cuidador.

Não foi percebido nenhum outro contato com crianças, que nesses momentos, quase sempre ficam correndo ou nos diversos brinquedos disponíveis no pátio da instituição.

Algumas vezes, outras professoras se aproximaram dele, uma delas, professora de ciências, tocou seu cabelo, sorriu e saiu.

Outras acenam de longe e ele sorri e acena de volta. Experiência própria, ele fala com pouca dificuldade, é bem educado e aparenta conviver bem com sua deficiência.

Não foi observado nenhuma tentativa de ir a outros departamentos da escola, no entanto, percebe-se que precisaria de ajuda, uma vez que, há degraus em todos os departamentos, incluindo a secretaria, sala de pedagogia e banheiros.

A inclusão escolar deve acontecer de forma natural e gradual.

A lei da inclusão social assegura a matrícula do aluno deficiente em todos os níveis e modalidades de ensino. Estabelece ainda a adoção de um projeto pedagógico que institucionalize o atendimento educacional especializado, com fornecimento de profissionais de apoio.



Na entrevista aplicada aos três envolvidos nesse processo, percebeu-se pontos comuns: respeitar o tempo do aluno, capacitação de profissionais, que são expostos a essa situação sem preparo algum, falta de material pedagógico adaptado e principalmente as dificuldades quanto a acessibilidade.

No que se refere à acessibilidade, segundo um funcionário, há um projeto de reforma de parte da escola que prevê banheiros adaptados para cadeirante, bem como demais benfeitorias, como rampas de acesso, que visem facilitar a inclusão.

A professora se mostrou reticente nas respostas, com uma sala com mais de trinta alunos, não disponibiliza muito tempo para as ações individuais.

O cuidador é estagiário de psicologia, contratado por período determinado, mostrou-se bem receptivo, mas não tem muita autonomia quanto ao trato com o aluno cadeirante.

Por sua vez, percebeu-se que o aluno é bastante dependente do cuidador e tem neste um forte ponto de apoio.

No momento da entrevista, citou várias vezes o nome dele. Se mostrou bem consciente de sua condição e sem dificuldade em conviver com sua deficiência.

Sua maior reclamação foi quanto à acessibilidade, nem sempre dentro do espaço escolar.

Posso concluir ao que se refere ao aluno observado, que o processo de inclusão escolar, embora engatinhando, o está fazendo com responsabilidade.

Em uma visão geral, a equipe tem mostrado disposição pra tentar acertar.

### **3 CONCLUSÕES**

A inclusão do aluno cadeirante no espaço da escola pesquisada tem sido um desafio e um aprendizado a todos os envolvidos.

Percebeu-se que o aluno se sente acolhido no espaço escolar, tem um bom relacionamento com os colegas e professores.



Suas reclamações têm sido em maior parte, as questões de acessibilidade fora da instituição, como no trajeto casa/escola.

Notou ainda que seja bastante dependente do cuidador, talvez essa a maior dificuldade, visto que o trabalho desse profissional se limita ao espaço escolar.

Dentro da sala de aula, suas limitações não o impedem de participar das atividades, por serem suas ações mediadas pelo cuidador.

A parte pedagógica tem sido trabalhada de modo satisfatório.

A equipe de pedagogia se mostrou bastante prestativa quanto aos meus questionamentos. Estão sempre buscando ferramentas para melhorar a qualidade na permanência do aluno na escola.

Além do seu cuidado com o aluno, o cuidador auxilia ainda a professora na adaptação de alguns materiais que usam no decorrer das aulas. Trabalhando juntos, buscam soluções que facilitem o aprendizado do aluno

A equipe trabalha em parceria, buscando que o aluno tenha acesso à educação de forma plena.

As maiores dificuldades se restringem às questões da acessibilidade.

Há rampa na maioria dos departamentos. Não possui ainda um banheiro adaptado, porém existe a promessa, por parte das autoridades responsáveis, de uma reforma na escola para sanar essas carências.

Percebeu-se que, embora esteja distante de ser perfeito, a escola procura cumprir o seu papel na inclusão.

Oferece suporte ao cuidador no exercício de seu ofício, ampara a professora na rotina diária, e principalmente oferece ao aluno a atenção necessária ao seu desenvolvimento, adaptando materiais e fornecendo elementos para que seu processo de aprendizagem seja possibilitado.

Nesse espaço, pareceu-me que a inclusão tem sido satisfatória.

Quanto às mudanças que se fazem necessárias, as adaptações de acessibilidade que já estão em fases de planejamento, tendem a melhorar essa etapa.

Quanto ao relacionamento do aluno com seus colegas, o processo de inclusão iniciada, encaminha para um convívio natural.



A presença do cuidador, já se tornando prática na rede de ensino, possibilita ao cadeirante ter acesso a um tempo produtivo e de qualidade na escola.

Prevejo que com poucas mudanças, a inclusão se tornará tão natural que ao olhar para um cadeirante, os colegas verão apenas outro aluno, sem qualquer observação quanto ao seu estado.

Quanto à pesquisa pelas formas de acesso, percebeu-se que há diversas ferramentas que tornam os ambientes acessíveis aos usuários de cadeira de rodas, como o elevador ou a plataforma elevatória e instalação de rampas de acesso e demais item de segurança como corrimão nas rampas e banheiros.

Ferramentas estas que, bem adaptadas qualificam a vida do cadeirante. Quanto ao currículo, há uma política de acessibilidade que está sendo posta em prática, cujos resultados logo serão vistos.

Ao professor, auxiliador da busca pelo conhecimento, a parceria com o cuidador, vem agregar possibilidades de fazer o processo ensino aprendizagem do aluno cadeirante tornar-se possível, beirando o ideal.

## **REFERÊNCIAS**

ARAUJO, Denize Arouca; LIMA, Dias Ribeiro de Paula. Dificuldades enfrentadas pelo cuidador na inclusão escolar de crianças com paralisia cerebral. Educação em revista. Belo Horizonte, 2011. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982011000300014](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000300014). Acesso em 18/03/2017.

CAMPOS, Marlei da Silva. Inclusão de alunos cadeirantes em uma escola do município de Ipatinga. Estudo de caso. Brasília, 2011. Disponível em <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2153/1/2011\\_MarleidaSilvaCampos.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2153/1/2011_MarleidaSilvaCampos.pdf)>. Acesso em 02/3/2017.

CANZIANI, Alex. Disponível em <<https://www.deficienteciente.com.br/educacao-aprova-cuidador-nas-escolas-para-alunos-com-deficiencia.html>>, acesso em 29/05/2017.

CARVALHO, Rosita Edler, Temas em educação especial. Rio de Janeiro: WVA,



1998. Disponível em <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43085/R%20-%20E%20-%20THAMIRES%20KARINA%20DE%20CASTRO.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>, Acesso em 14/10/2017.

CIDADE, Ruth Eugênia, EDUCAÇÃO FÍSICA E INCLUSÃO: CONSIDERAÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA ESCOLA, disponível em <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/sobama/sobamaorg/inclusao.pdf>>, acesso em 29/05/2017.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL DE 1988, art. 205, Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>, acesso em 10/05/2017.

DECRETO Nº 3.298, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1999, ART 29, disponível em, <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d3298.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm)>, acesso em 29/05/2017.

DRAGO, Rogério. Educação Infantil e Educação Inclusiva: Um olhar sobre o trabalho com crianças com deficiência, (2005).

GOMES, Claudia; Rey, Fernando Luis Gonzáles. Inclusão Escolar: Representações Compartilhadas de Profissionais da Educação acerca da Inclusão Escolar. 2007, p.414. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v27n3/v27n3a04>>, acesso em 10/05/2017.

GUEBERT, Mirian Célia Castellain. Inclusão: uma realidade em discussão. 2. Ed. Curitiba: Ed. Ibpex, 2007.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARANÁ, disponível em, <<http://www.crianca.mppr.mp.br/modules/noticias/article.php?storyid=750>>, acesso em 29/05/2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA-PR, Estagiários cuidadores, disponível em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/estagiarios-da-educacao-inclusiva-concluem-primeira-etapa-da-formacao/41388>>, acesso em 29/05/2017.

PRIETO, R. G. Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: um olhar sobre as políticas públicas de educação no Brasil. In: MANTOAN, M. T. E.; PRIETO, R. G.; ARANTES, V. A. (Orgs.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos São Paulo: Summus, 2006.

RUCHAUD, Guilherme. Disponível em <<http://portalarquitetonico.com.br/como-projetar-rampas/>>, acesso em 22/09/2017.



SACRISTÁN, J. Gimeno. Gómez A. I. Perez. Compreender e transformar o ensino, São Paulo: Artmed, 1998.

SEED- Secretaria de Estado da Educação, Diretrizes curriculares da educação especial para a construção de currículos inclusivos. Disponível em <[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce\\_edespecial.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_edespecial.pdf)>, (2006, p.50), acesso em 11/05/2017.

SHIRMER, Carolina R. BROWNING, Nádia, BERSCH, Rita, MACHADO, ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO, Disponível em [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee\\_df.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/aee_df.pdf), acesso em 29/05/2017.

SILVA, Flavia Natalia Ramos; VOLPINI, Maria Neli. Inclusão escolar de alunos com deficiência física: conquistas e desafios. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2014. Disponível em <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014073755.pdf>>. Acesso em 21/3/2017.

SILVA, Vanessa Caroline MOREIRA, Laura Ceretta. CURRÍCULO NA ESCOLA INCLUSIVA: O ESTIGMA DA DIFERENÇA disponível em <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/849\\_727.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/849_727.pdf)> acesso em 23/09/2017.

SOUZA, Jurete da Silva, O PAPANAL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO, (2010). Disponível em <<http://www.webartigos.com/artigos/o-papel-do-professor-na-educacao-inclusiva/31116/#ixzz4vRcf1BH9>> Acesso em 13/10/2017.

<http://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/34329/JOSIMAR%20BELTRAME.pdf?sequence=1>

[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/21\\_mantoan.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/21_mantoan.pdf)

[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621\\_435.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/621_435.pdf)

<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/31872>

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2013/2013\\_uepg\\_edespecial\\_artigo\\_ana\\_claudia\\_betim.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_edespecial_artigo_ana_claudia_betim.pdf)

Sites acessados entre 10/10 a 16/10/17.

[http://www.deficienteonline.com.br/principais-adaptacoes-para-pessoas-com-deficiencia-fisica\\_\\_\\_8.html](http://www.deficienteonline.com.br/principais-adaptacoes-para-pessoas-com-deficiencia-fisica___8.html)

[http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield\\_generico\\_imagens-filefield-description%5D\\_24.pdf](http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_24.pdf)

<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei10098.pdf>



<http://www.engetax.com.br/produtos/plataforma-de-acessibilidade-padrao/>

<http://www.portac.com.br/elevadores-para-deficientes-fisicos.html?gclid=CJjdo7nB7tYCFUoJkQodfWwPNg>

<http://orionliftelevadores.com.br/qual-a-diferenca-entre-elevador-de-acessibilidade-e-plataforma-elevatoria/>

<https://blog.wpensar.com.br/inovacao-pedagogica/como-adaptar-sua-escola-para-receber-criancas-com-deficiencia-fisica/>

<http://www.acessibilidadenapratica.com.br/textos/rotas-de-fuga/>

<http://www.osdicionarios.com/c/significado/cadeirante>

[http://multimidia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral\\_esquerda/menu/downloads/arquivos/10348/download10348.pdf](http://multimidia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral_esquerda/menu/downloads/arquivos/10348/download10348.pdf)